

A CONCEPÇÃO SISTÊMICO-FUNCIONAL E O PROCESSO SEMIÓTICO DE CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS NO TEXTO¹⁹

Vania Lúcia Rodrigues Dutra (UERJ)

vaniardutra@uol.com.br

1. Introdução

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é um aporte teórico-metodológico desenvolvido por Halliday a partir da década de sessenta. Na LSF, a linguagem é considerada uma prática social. Mais do que um processo de representação, por meio dela, construímos a realidade social.

Segundo Halliday (2004), a língua é um sistema estruturado que tem como propósito criar significados, os quais são determinados pelas escolhas que fazemos no momento do uso, no arsenal de opções que estão a nossa disposição no sistema linguístico. Essas escolhas, por sua vez, são sempre intencionais, já que há sempre um propósito motivador para o uso que faze-

¹⁹ A primeira versão deste texto foi apresentada no III SIMELP – III SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA, na Universidade de Macau, entre 30 de agosto e 02 de setembro de 2011.

mos da linguagem. Comunicamo-nos por meio de textos, oralmente ou por escrito, e, no ato comunicativo, negociamos textos para produzir significados – o que torna a função geral da linguagem semiótica (ANDRADE & TAVEIRA, *apud* LIMA e outros, 2009, p. 48).

Na LSF a noção de escolha é fundamental e tem sido investigada, entre outros linguistas, por Halliday (2004), que desenvolveu a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), uma teoria para voltada para o estudo do texto. Nessa abordagem, o foco é a análise do significado da língua em uso, ou seja, a análise do significado dos textos, e essa análise, como veremos, não se dá com base unicamente nos elementos da léxico-gramática, pois todos os significados construídos ligam-se diretamente ao contexto social onde foram produzidos. A LSF examina a língua como uma entidade não suficiente em si, e investiga a estrutura linguística vinculada a seu contexto de uso, o que confere especial relevância à correlação entre as propriedades das estruturas gramaticais e as propriedades dos contextos em que ocorrem (HALLIDAY, 2004). A GSF explora a relação dinâmica entre os significados, as formas léxico-gramaticais pelas quais esses significados são realizados e os contextos que os ativam. Nessa perspectiva, a gramática é considerada parte de um conjunto mais amplo de recursos que atuam na configuração da forma como a língua é colocada em uso, ou seja, na configuração da forma como os textos são construídos (DUTRA, 2007).

A perspectiva sistêmico-funcional de análise difere da perspectiva estrutural. A primeira tem o foco na análise funcio-

nal da gramática, ou seja, na produção de significados; a segunda, na estrutura. A GSF não ignora a estrutura da língua nem a desvaloriza. Ela propõe que a estrutura seja observada em relação ao contexto em que o texto é produzido, pois a linguagem se organiza não só com base no sistema linguístico como também com base no sistema de dados do contexto social em que se realiza. E esses dois sistemas estão sempre inter-relacionados, formando uma rede sistêmica.

Considerando-se esses dois sistemas, segundo Halliday (2004), é possível analisar um texto e mostrar a organização funcional de sua estrutura. É possível mostrar as escolhas significativas que foram feitas e os efeitos de sentido construídos por elas, em função do que poderia ter sido escolhido e não foi. Cada escolha feita no sistema semiótico é significativa, uma vez que adquire seu significado diante das demais possibilidades que havia e que não foram consideradas. É a valorização do nível semântico do conteúdo linguístico, ao lado do nível léxico-gramatical.

2. *As metafunções de Halliday*

Quando fazemos uso da linguagem, produzimos textos que constroem sentido a partir de nossa experiência, e interagimos socialmente, ligando o mundo da linguagem (léxico-gramática) ao mundo que existe fora da linguagem (o mundo dos fatos, dos acontecimentos, dos processos sociais, dos processos mentais).

É desse modo que a LSF busca compreender a natureza e a dinâmica do sistema semiótico como um todo.

A partir da concepção sistêmico-funcional, a língua é vista como um sistema aberto e sempre sujeito a mudanças orientadas por fatores sociais. Ela se estrutura com base em três dimensões de significados realizados simultaneamente nos textos: o ideacional, o interpessoal e o textual, que são a base das metafunções ideacional, interpessoal e textual.

Essas três dimensões – ideacional, interpessoal e textual – compõem a estrutura semântica do texto e o constroem, respectivamente, como *representação* – um processo da experiência humana –, como *troca* – uma negociação entre locutor e interlocutor – e como *mensagem* – uma determinada informação. Assim, as metafunções da linguagem estão presentes na estrutura do texto por meio de três sistemas a que Halliday denomina *Sistema de Transitividade*, *Sistema de Modo* e *Sistema Temático*.

O Sistema de Transitividade realiza o significado ideacional, expressa a experiência humana como um *processo* em que podem intervir participantes ativo (*ator*) e passivo (*meta*), e as *circunstâncias* desse processo. O Sistema de Modo realiza o significado interpessoal, expressa as relações entre locutor e interlocutor, marcando a atitude do locutor em relação ao que diz, a representação que faz de si mesmo e a imagem que faz de seu interlocutor. Já o Sistema Temático (*tema/remã*) realiza o significado textual, ou seja, constrói o discurso, marcando, pela organização que o locutor dá ao texto, sua estratégia argumentati-

va; o *tema*, elemento que o locutor elege para introduzir sua fala, é o ponto de partida da mensagem, o elemento escolhido como foco.

Apreender o sistema de transitividade nos textos orais e escritos com que nos deparamos é condição para a leitura²⁰ com compreensão. A partir, então, da apreensão do significado ideacional construído pelo sistema de transitividade é que o interlocutor terá a possibilidade de buscar construir também os significados interpessoal e textual, condição básica para uma leitura amadurecida, crítica, capaz de captar sentidos para além das palavras propriamente ditas, de desvelar a intenção comunicativa do locutor, considerando-se, também – como pressupõe a LSF –, o contexto situacional e sociocultural em que se dá o ato comunicativo.

A percepção dessas e de outras sutilezas nos textos é uma habilidade de leitura a ser desenvolvida pela escola, assim como também o é saber empregá-las conscientemente nos textos que se produzem. As escolhas linguísticas (não só lexicais, mas de arranjos estruturais) feitas pelo locutor é que delinearão o texto que ele produzirá, determinando o(s) sentido(s) nele construído(s), assim como guiarão o interlocutor na busca desse sentido, auxiliando-o no reconhecimento da intenção comunicativa do autor.

São essas funções que a linguagem desempenha, manifestadas por meio desses três sistemas, que estruturam o com-

²⁰ A palavra *leitura* aqui é tomada em relação tanto a textos escritos quanto orais.

ponente semântico do sistema linguístico. Como já foi mencionado, a abordagem funcionalista da gramática, de base semântica, investiga as relações que existem entre os recursos léxico-gramaticais e a constituição semântica dos textos, buscando em tais relações uma motivação icônica – perspectiva semiótica. Essa abordagem é, então, uma contribuição valiosa para um ensino mais produtivo da língua.

3. Gramática Sistêmico-Funcional e Semiótica

Ao lado da substância semântica básica extraída do texto – significado ideacional –, porém, existe o que se pode chamar de substância semiótica do texto, apontando para um potencial icônico dos arranjos linguísticos, responsáveis também pela construção do(s) sentido(s) do texto – significado interpessoal e significado textual.

Para Halliday (2004), a gramática é fundamentalmente semiótica. Simões (2004, p. 34) confirma essa ideia, afirmando que “a semiótica vai fornecer meios de identificarem-se não só os signos com que se constrói o código utilizado, assim como os esquemas de construção textual”.

Dessa forma, cada vez mais se entende que não é suficiente que os alunos decodifiquem textos nem que conheçam a nomenclatura e os conceitos gramaticais. Considerar a seleção dos elementos linguísticos que figuram na superfície textual, perceber a presença de elementos de modalização delineando o perfil dos interlocutores e analisar a organização dada à subs-

tância linguística que a transforma em texto são habilidades do leitor proficiente e crítico, capaz de ler nas entrelinhas, perceber os subentendidos, apreender o não dito. Auxiliar o aluno a se tornar esse tipo de leitor é tarefa da escola e dos professores de uma forma geral, desde o início da escolarização. Conforme Dutra (2011: 4.303):

estudar gramática na educação básica é conhecer as diferentes possibilidades de realização dos significados e refletir sobre as escolhas possíveis na língua portuguesa, considerando as formas léxico-gramaticais em função de seus efeitos de sentido em contexto. Assim, os conteúdos de ensino relevantes na escola são fatos da língua portuguesa realizados em textos. Desenvolver um ensino de gramática que seja parte integrante do trabalho pedagógico com leitura e produção de textos é valorizar a dimensão comunicativa da linguagem e, mais ainda, é valorizar a língua como objeto de investigação na escola.

3.1. Iconicidade

Segundo Bakhtin (2003), falamos por meio de gêneros dentro de determinada esfera da atividade humana. Não atualizamos simplesmente um código linguístico, mas moldamos a nossa fala aos parâmetros de um gênero no interior de uma atividade comunicativa. Conforme pressupõe a Linguística Sistêmico-Funcional, não se pode pensar o gênero em si mesmo ou em seus aspectos formais somente. Suas funções socioverbalis e ideológicas são imprescindíveis para sua constituição. Os gêneros são fenômenos complexos que envolvem, entre outros, aspectos linguísticos, discursivos, interacionais, sociais, pragmáticos, históricos. De acordo com Halliday (2004), a língua configura-se da forma como está hoje por causa das funções que ela

desenvolveu para exercer na vida das pessoas; é de se esperar, então, que suas estruturas possam ser entendidas em termos funcionais.

Os estudos sobre iconicidade na língua e, portanto, na sua organização gramatical, têm chamado a atenção para uma possível motivação icônica, ou seja, para o reflexo, nos elementos estruturais dos textos, de relações existentes em sua estrutura semântica. Com base na Teoria da Iconicidade Verbal (SIMÕES, 2009), considera-se haver uma relação não arbitrária entre forma e função, ou seja, entre estrutura gramatical e sentido nos textos. Conforme Neves (1997),

A despeito da absoluta arbitrariedade apregoada pelos estruturalistas, as bases funcionalistas vêm fortalecendo passo a passo a existência de iconicidade nas gramáticas das línguas, demonstrando a existência de uma correlação um a um entre forma e interpretação semântico-pragmática pautada numa motivação funcional imanente aos aspectos estruturais observados.

Considerando-se que o texto escrito pode ser tido como um objeto visual, e que a leitura é um processo de semiose – de geração de sentidos –, o instrumental semiótico adquire grande relevância para a análise do signo-texto. Aliando pressupostos teóricos da Semiótica Linguística de Peirce e da Gramática Funcional de Halliday, consideramos que os recursos linguísticos que entram na organização dos textos são verdadeiros signos e que, portanto, têm potencial icônico.

Partindo-se da iconicidade diagramática, focamos nossa atenção na estruturação linguística dos textos (aspectos discursivo-gramaticais), evidenciando uma motivação icônica para a

forma linguístico-gramatical que o materializa. Nessa perspectiva icônico-funcional, os valores projetados sobre os signos e sobre seus arranjos na estrutura das frases (unidades básicas da léxico-gramática) que entram na composição dos textos, vão além de seu significado ideacional, agregando, também, significado interpessoal e significado textual ao produto do ato comunicativo.

3.2. Iconicidade diagramática

Os estudiosos da *iconicidade* no âmbito da língua recorrem a uma distinção proposta pelo filósofo Pierce, que diferencia *iconicidade imagética* de *iconicidade diagramática*. Enquanto a *iconicidade imagética* propõe haver uma relação de significado entre um item linguístico e seu referente a partir de uma determinada característica presente neste, a *iconicidade diagramática* configura-se como um arranjo icônico dos signos, o que nada tem a ver com possíveis semelhanças entre eles e seus referentes.

Um dos principais temas funcionalistas, a *iconicidade diagramática* – aquela que mais de perto interessa à Linguística – configura-se como uma motivação icônica para a forma como o falante faz uso da léxico-gramática, tendo em vista seus propósitos comunicativos. Entre os tipos de *iconicidade diagramática*

mais estudados²¹, a *iconicidade de ordenação* é a que será aqui explorada.

3.3.A iconicidade de ordenação e a metafunção textual

Interessa-nos, neste trabalho, a organização dada aos elementos da frase, tendo em vista o objetivo do falante de dar a eles maior ou menor destaque. Motivado pelo seu objetivo comunicativo, o falante usará a *iconicidade de ordenação* como uma estratégia argumentativa a favor de sua intenção, pondo em evidência uma ou outra forma linguística que, como tema – aspecto fundamental da metafunção textual –, guiará a construção do sentido do texto pelo interlocutor.

Diferentemente da concepção estruturalista, em que a língua é um sistema autônomo e em que, portanto, o valor dos signos e das estruturas gramaticais, de uma forma geral, não depende absolutamente do mundo extralinguístico, do contexto, dos participantes da situação de comunicação, a abordagem sistêmico-funcional afirma que esses outros fatores, além dos eminentemente internos à própria língua, interferem sim na organização que se dá aos textos. Assim, as escolhas dos falantes – escolhas que constroem a organização interna das frases e a organização das frases nos parágrafos, por exemplo – são resultado de seus objetivos comunicativos, que ajustam a gramática a

²¹ São eles a iconicidade de quantidade, a de distância, de independência, de complexidade e de categorização. (NEWMeyer *apud* NEVES 1997, p. 107-108)

suas necessidades. São as pressões do uso agindo sobre a gramática, moldando-a para atender aos propósitos do falante.

Por ser uma estrutura de base cognitiva, a gramática é flexível e ajusta-se, como se vê, a pressões de ordem comunicativa (NEVES, 1997). A linguagem, portanto, não expressa significados pré-existentes, mas os constrói, realizando seus três componentes significativos: o significado ideacional, o significado interpessoal e o significado textual, por meio das metafunções (homônimas) que cumpre – função ideacional, interpessoal e textual da linguagem –, conforme já mencionado. O arranjo icônico dos signos na composição do texto – *iconicidade de ordenação* – é, portanto, uma marca que interfere decisivamente na construção de seu significado e, ao mesmo tempo, uma pista para sua elucidação pelo leitor, que dela se utiliza para buscar compreender a intenção comunicativa do falante.

A língua cumpre uma função textual, ao lado das funções ideacional e interpessoal. O texto, portanto, apresenta um significado textual, que se constrói, entre outros aspectos, com base em sua estrutura temática. Essa estrutura temática é concebida e observada na frase, base da léxico-gramática e componente estrutural do texto. Essa estrutura frasal organizada encaixa-se no texto de forma a contribuir para o seu desenvolvimento.

Ao produzir um texto, o enunciador não só faz a escolha dos termos que usará para organizar sua mensagem, como decide sobre que elementos ganharão nele maior relevância, tendo em vista o assunto de que tratará, seu objetivo comunicativo e a estratégia argumentativa a ser utilizada. Nessa perspectiva, al-

guns termos serão colocados em evidência e outros serão deixados em segundo plano. A função textual da linguagem, dessa forma, organiza os significados ideacional e interpessoal de modo a dar à frase e ao texto linearidade e coerência, e de modo que o texto seja relevante para o contexto de produção (HAL-LIDAY, 2004).

Para o autor (*op. cit.*), a frase divide-se em *tema* e *rema* – nomenclatura da Escola Linguística de Praga. O tema é visto como o termo que encabeça a frase, o ponto de partida da mensagem, o elemento que o autor prioriza em sua mensagem. É o termo que orienta o desenvolvimento do assunto tratado no texto, a manutenção de seu foco e a intenção do enunciador. O rema é o restante da frase, é onde o tema é desenvolvido.

3.4. Tema tópico, tema textual e tema interpessoal

Normalmente, a estrutura temática dos textos apresenta um tema representado por um elemento da função ideacional: um participante, um processo ou uma circunstância, termos que codificam as experiências na mensagem. É o *tema tópico*:

	<i>Por muito tempo,</i>	<i>o latim</i>	<i>permaneceu sendo usado</i>	<i>na escrita.</i>
Função textual	Tema tópico	rema		
Função ideacional	Circunstância	participante	processo	circunstância

Quadro 1- Tema tópico

Em outros textos, esses elementos da função ideacional são antecedidos por outro cuja função é promover a ligação entre as orações, os períodos, os parágrafos, criando entre elas

uma relação coesiva. É o que se chama, na metafunção textual, *tema textual*.

	<i>Contudo,</i>	<i>aos poucos</i>	<i>a língua nacional</i>	<i>foi ganhando</i>	<i>espaço</i>	<i>na escrita.</i>
Função textual	tema textual		rema			
Função ideacional	(sem classificação)	circunstância	participante	processo	meta	circunstância

Quadro 2 – Tema textual

Quando a frase é iniciada por elementos de significado interpessoal, temos o que se chama *tema interpessoal*. Ele é muito comum quando se quer marcar, nos textos, o tipo de relação existente entre os interlocutores e a posição que cada um ocupa na interação. Isso se dá pelo emprego de adjuntos de comentários, do vocativo e de palavras interrogativas, usadas para solicitar informações.

	<i>Na verdade,</i>	<i>como o latim era a língua da Igreja e das Universidades,</i>	<i>mesmo com os primeiros textos em português,</i>	<i>ainda</i>	<i>havia</i>	<i>pessoas que usavam o latim.</i>
Função textual	Tema interpessoal	rema				
Função ideacional	Circunstância (adjunto de comentário)	circunstância	circunstância	circunstância	processo	Participante

Quadro 3 – Tema interpessoal

As frases planejadas nos quadros 1, 2 e 3, e usadas como exemplificação para os três diferentes tipos de tema foram retiradas de um texto da Revista Língua Portuguesa – Co-

nhecimento Prático²², cujo trecho específico vai transcrito no quadro 4, que se segue.

PRIMEIROS ESCRITOS...

Apesar de o reino português estar formado, a língua portuguesa não foi, imediatamente, oficializada. Por muito tempo, o latim permaneceu sendo usado na escrita. Na verdade, como o latim era a língua da Igreja e das Universidades, mesmo com os primeiros textos em português, ainda havia pessoas que usavam o latim. Contudo, aos poucos a língua nacional foi ganhando espaço na escrita. Não raro, nos textos, havia uma mistura entre as línguas nacionais e o latim (...).

Quadro 4 – Texto

Além dos temas apresentados nos quadros exemplificativos, marcamos também *Apesar de o reino português estar formado* e *não raro* como temas, o primeiro textual e o segundo interpessoal. Nesse caso, a iconicidade de ordenação aponta a presença marcante de estruturas frasais iniciadas por temas textuais e interpessoais, o que sugere um texto com alto grau de comprometimento do enunciador, normalmente um texto dissertativo-argumentativo, em que o anunciador quer fazer valer a sua ideia, a sua palavra.

Quando, por outro lado, a iconicidade de ordenação aponta para uma incidência maior do tema tópico, o texto geralmente configura-se como descritivo, narrativo ou expositivo, cujo foco encontra-se na própria experiência (significados ideacionais) codificada na mensagem. É o que se dá neste trecho descritivo do romance *O Morto*, de Coelho Neto²³.

²² Cialdine, Edmar. Nascimento de uma língua. In: *Revista Língua Portuguesa – Conhecimento Prático*. Nº31. p. 18.

²³ In: *Revista Língua Portuguesa – Conhecimento Prático*. Nº31. p. 35.

Uma rajada tempestuosa estortegou o arvoredo em convulsão de cataclismo. O céu fulgurou em esplendor de explosão e um estrépito retalhou os ares taciturnos como ao rebentar de uma granada. (...) Grossas gotas de chuva bateram na terra com força, levantando poeira. (...) Clarões alumiam o espaço turbado e sinistro, coriscos ziguezaguavam pelos nimbus como as derradeiras faúlhas que serpentinam rápidas em papel queimado.

Quadro 5

4. Considerações finais

Diante do objetivo de ampliar a competência discursiva de nossos alunos na escolarização básica, o ensino da gramática tem sido pouco útil, uma vez que tem sido entendido e praticado como uma reprodução da doutrina apresentada na maioria dos compêndios normativos.

Além disso, a análise gramatical geralmente se dá em enunciados fragmentados e descontextualizados, o que comprova que o objetivo que se tem com ela passa longe da busca pelo sentido, da descoberta da intenção comunicativa do enunciador. É o estudo da *língua* totalmente desvinculado de seu uso, de sua função comunicativa, sem um objetivo produtivo.

Mais do que ensinar sobre os elementos que compõem a Língua Portuguesa e a norma para a combinação desses elementos, em termos fonológicos, morfológicos e sintáticos, é preciso que a escola assuma para si o papel de ensinar as práticas de linguagem. Essas práticas configuram-se como textos e, como tal, cumprem uma função social e apresentam um objetivo comunicativo específico.

Muitas vezes, é possível, identificar o objetivo comunicativo de um texto analisando-se os temas que o compõem. A

forma de organizar esses textos, então, assume especial relevância para a compreensão da intenção de seu autor. A iconicidade de ordenação pode nos dizer que elementos estão em destaque no texto, frase a frase, dando-nos as informações necessárias para que possamos entender a natureza das considerações do autor do texto.

A abordagem sistêmico-funcional, mais do que qualquer outra, tem contribuições muito importantes a dar no que se refere ao ensino de línguas. Com base em seus pressupostos, o professor pode orientar o aluno na busca pelo sentido dos textos que lê, por meio da investigação de sua organização léxico-gramatical, e na busca pela construção de sentidos nos textos que escreve, concretizando sua intenção comunicativa. Enfim, a proposta aqui discutida pode resultar em um meio potencial de disponibilizar recursos semiótico-funcionais que desenvolvam nos estudantes habilidades que permitam ler o mundo criticamente e nele viver de forma mais socialmente participativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DUTRA, V. L. R. *Relações conjuntivas causais no texto argumentativo*. Tese de Doutorado, UERJ – Rio de Janeiro, 2007.
- _____. Abordagem funcional da gramática na escola básica. *Anais do VII Congresso Internacional da Abralín*. Curitiba, 2011.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to Functional Grammar*. 3. ed. London: Edward Arnold, 2004.

LIMA, Cássia H. P. et al. (Orgs.). *Incursões semióticas*. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2009.

NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SIMÕES, D. M. P. (Org.). *Estudos semióticos*. Papéis avulsos. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2004. Disponível em:
<<http://www.dialogarts.uerj.br>>.

_____. *Iconicidade verbal*. Teoria e prática. Ed. digital. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009. Disponível em:
<<http://www.dialogarts.uerj.br>>.